



UM INCENTIVO ÀS DOAÇ

Ao contrário do que ocorre nos Estados Unidos, o país que mais doa no mundo, faltam estímulos tributários para expandir a filantropia no Brasil

LUIS GUILHERME BARRUCHO

No poema-manifesto *Aos Pobres*, publicado em 1830, o escritor francês Victor Hugo convoca os leitores a fazer doações aos mais necessitados, sob pena de se afastarem do éden bíblico. Apologista da meritocracia, Victor Hugo acreditava que o enriquecimento não prescindia da caridade. O pensamento do poeta foi remodelado nos últimos anos. A filantropia deixou de ser vista apenas como uma mão que se estende aos mais pobres. As contribuições são tratadas co-

mo um investimento. As principais instituições filantrópicas precisam entregar resultados e multiplicar o alcance do dinheiro a elas doado. Não por menos. Bill Gates e Warren Buffett, os homens mais ricos dos Estados Unidos, estão por trás da campanha lançada no país para convencer quarenta compatriotas bilionários a doar metade de sua fortuna. Os americanos contribuem anualmente com 300 bilhões de dólares (ou 2% do PIB do país), dinheiro equivalente às despesas do governo federal no Brasil em 2009. Além de se tratar de uma questão cultural, presente desde a

fundação do país, as doações nos Estados Unidos atingem tal volume em razão dos incentivos fiscais e da idoneidade das entidades filantrópicas, que costumam dar melhor destinação aos recursos que iriam para o setor público. A fundação mantida por Bill Gates e sua esposa, Melinda, por exemplo, com patrimônio estimado em 33 bilhões de dólares, está financiando a vacinação de 250 milhões de crianças em países pobres, principalmente na África. O mesmo dinheiro, se doado a governos africanos corruptos, nunca chegaria ao seu destino.

No Brasil, a benevolência ainda engatinha. Segundo um estudo da consultoria americana McKinsey, as doações brasileiras somaram 10 bilhões de reais em 2007, ou 0,3% do PIB, índice inferior à média da América Latina e do

O BRASIL DOA POUCO

O sistema brasileiro oferece poucos benefícios fiscais aos filantropos

PAÍS	DOAÇÕES (total ao ano, em relação ao PIB)	VOLUNTARIADO (porcentual de adultos que fazem atividades de assistência)	TRIBUTAÇÃO DA FILANTRÓPIA
EUA	1,85%	22%	Pessoas físicas podem abater o valor integral da doação na base de cálculo do imposto de renda desde que não ultrapasse 50% da renda bruta. No caso de empresas , o valor cai para 10% do rendimento tributável
ARGENTINA	1,09%	8%	O abatimento tributário com a filantropia é limitado a 5% do lucro líquido para uma empresa e a 5% da renda bruta para pessoas físicas
INGLATERRA	0,84%	30%	Os benefícios fiscais aumentam proporcionalmente às doações. Em contribuições individuais, o abatimento no IR pode chegar a 25% do valor doado
BRASIL	0,29%	6%	<p>PARA QUEM DOA Para empresas, o abatimento não pode ultrapassar 2% do lucro operacional. Para indivíduos, a dedução só é possível se for destinada a fundos sociais públicos, no limite de 6% do imposto de renda devido</p> <p>PARA QUEM RECEBE É preciso pagar um imposto sobre o valor do donativo que varia de 1% a 8%, dependendo do estado onde a transação ocorreu. Autarquias e fundações mantidas pelo poder público e templos de qualquer culto, entre outras entidades, estão livres do imposto</p>

O MAIOR FILANTROPO
A fundação de Bill Gates (à esq.) já doou 4,5 bilhões de dólares para a vacinação de 250 milhões de crianças em países pobres

GATES FOUNDATION

DOAÇÕES

Fontes: Universidade Johns Hopkins e McKinsey & Company, advogados Nicole Hoedemaker, Luiz Armando Badin e José Guilherme Queiroz

mundo (veja quadro acima). A pesquisa também lança luz sobre outro dado preocupante. Ainda que o montante arrecadado em 2007 tenha sido superior ao dos anos anteriores, as contribuições individuais, aquelas feitas por pessoas físicas, estacionaram. O crescimento nos donativos foi puxado pelas empresas, ao contrário do que ocorre nos Estados Unidos, onde 70% das doações são feitas por indivíduos. O Brasil ainda é um país relativamente pobre. Mas isso explica apenas uma parte da falha de disposição a doar dos brasileiros. Aqui, os filantropos são desestimulados pela burocracia excessiva, pelos impostos e, em geral, pela pouca transparência na administração dos recursos ofertados.

O empresário e bibliófilo José Mindlin, falecido em fevereiro último aos 95

anos, sentiu na pele essas dificuldades. Dono do maior acervo privado de livros do país, com 40000 volumes, Mindlin e sua esposa, Guita, queriam tornar público o acesso à sua biblioteca. A forma encontrada pelo casal foi doar a coleção à Universidade de São Paulo (USP). Decidiu-se que a universidade cederia um terreno dentro de seu câmpus para a construção de um prédio para o acervo, enquanto uma fundação privada capitaneada por Mindlin aportaria os recursos necessários para pôr o edifício de pé. Não deu ceno. "O valor do tributo que incidiria sobre a transferência da coleção à fundação seria equivalente ao custo estimado de toda a obra", disse o arquiteto Rodrigo Mindlin Loeb, neto do bibliófilo. Até se decidir sobre uma nova proposta, na qual a USP se responsabilizaria

pela construção, passaram-se seis anos. O imbróglcio pode ser explicado parcialmente pelo Imposto sobre Transmissão "Causa Mortis" e Doação de Quaisquer Bens ou Direitos (ITCMD). De âmbito estadual, pode variar de 1% a 8% e tem de ser recolhido por quem recebe o donativo. Para deixar de pagá-lo, é preciso que o donatário (aquele que recebe) comprove sua isenção junto aos órgãos responsáveis. Como a USP é pública, optou-se por fazer a doação à instituição. Vencida a burocracia, falta agora concluir o prédio, previsto para ficar pronto em meados de 2012.

Quem doa sofre com o desestímulo decorrente da falta de compensação fiscal. Ao contrário do americano, que pode abater até 50% do valor da contribuição na base de cálculo do imposto de

Filantropia



POEIRA NOS LIVROS

José Mindlin (acima), dono da maior biblioteca privada do país, doou sua coleção à USP anos antes de sua morte, em fevereiro. A burocracia atrasou o início das obras do edifício que abrigará o acervo de 40.000 volumes, que ainda permanece na casa do bibliófilo

CLAUDIO GATTI

renda, o brasileiro que quiser doar ficará limitado a 6% de seu imposto de renda devido. No caso de uma oferta de 12.000 reais feita por alguém com renda anual de 120.000 reais, isso daria uma dedução de 1.502,67 reais. Mantendo-se os valores, mas em dólares, o abatimento seria de 1.764 dólares nos Estados Unidos. A diferença parece pequena, mas cresce à medida que as doações se tornam mais gordas. Considerando-se um donativo de 50.000, por exemplo, o abatimento permaneceria igual no Brasil e seria de 12.032 dólares nos Estados Unidos. Os americanos também são estimulados a doar em vida por causa dos pesados impostos, que abocanham até 50% de sua herança. No Brasil, ela é tributada pelo ITCMD, com alíquotas que não passam de 8%. Outra desvantagem de nosso sistema: o benefício à pessoa física só se aplica a doações destinadas a fundos sociais públicos e a leis de incentivos à cultura e ao esporte. No caso das empresas, a dedução é de até 2% do lucro operacional. Esse é um dos motivos pelos quais, no Brasil, grandes empre-

sários preferem doar por meio de suas companhias ou fundações a contribuir individualmente. Mas mesmo as empresas não se sentem incentivadas a isso. Segundo pesquisa do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) realizada em 2004, somente 2% das companhias que tiveram algum tipo de envolvimento social fizeram uso dos benefícios tributários. Quando indagados sobre o motivo da recusa em recorrer às regalias, 40% dos empresários entrevistados pela entidade alegaram que o valor do incentivo era muito pequeno.

Mesmo com a falta de estímulos fiscais, há exemplos de boas iniciativas, como a Fundação Estudar, que consegue captar recursos tendo como base seus bons resultados. Criada na década de 90 pelo trio Carlos Alberto Sicupira, Jorge Paulo Lemann e Marcel Telles, amais controladores da cervejaria InBev, a entidade, que financia bolsas de ensino superior no Brasil e no exterior, tira a maior parte de seu sustento das contribuições individuais. O sucesso foi possível porque pôs em prática um modelo

Gigantes da filantropia

As dez maiores fundações filantrópicas do mundo administram juntas um patrimônio de **155 bilhões de dólares** (ativos totais em dólares)

- 1ª Stichting INGKA Foundation (Holanda) **36 bilhões**
- 2ª Bill & Melinda Gates Foundation (EUA) **33 bilhões**
- 3ª Wellcome Trust (Inglaterra) **20,7 bilhões**
- 4ª Howard Hughes Medical Institute (EUA) **14 bilhões**
- 5ª Ford Foundation (EUA) **10,2 bilhões**
- 6ª Mohammed bin Rashid Al Maktoum Foundation (Emirados Árabes Unidos) **10 bilhões**
- 7ª Robert Wood Johnson Foundation (EUA) **8,5 bilhões**
- 8ª W.K. Kellogg Foundation (EUA) **8 bilhões**
- 9ª The Church Commissioners for England (Inglaterra) **7,6 bilhões**
- 10ª Li Ka Shing Foundation (Hong Kong) **7 bilhões**

Investimento no ensino

As principais universidades americanas administram fundos bilionários com o dinheiro que recebem de ex-alunos (ativos totais, em dólares)

1. Universidade Harvard.... **27,4 bilhões**
2. Universidade Yale **16,7 bilhões**
3. Universidade Stanford ... **15,9 bilhões**
4. Universidade Princeton... **14,4 bilhões**
5. Universidade do Texas ... **10,4 bilhões**

Fontes: fundações e universidades

Filantropia

DIREITO À MÚSICA

O escritório de advocacia Pinheiro Neto montou um departamento para facilitar os trâmites de suas doações, coordenado pelos advogados Sérgio Marçal e José Carlos Meirelles. Um dos projetos financiados por meio da Lei Rouanet, de incentivo à cultura, é uma orquestra de crianças carentes em São Paulo



CLAUDIO GATTI

até então pouco utilizado no país. "Mantemos uma comunidade de ex-alunos que devolvem à instituição e às futuras gerações um pouco do benefício que receberam", afirmou Thais Xavier, diretora executiva da fundação. Em São Paulo, dois dos principais hospitais do país, o Sírio-Libanês e o Albert Einstein, contam com doações de ex-pacientes e também de suas respectivas comunidades para ampliar investimentos em aparelhos e também na infraestrutura. Nos últimos dois anos, o Sírio captou 6 milhões de reais. Recentemente, o Einstein inaugurou um auditório cuja construção foi custeada pelo banqueiro Moise Safra.

Uma área da filantropia particularmente atrofada no Brasil é a de doação a universidades. Não existem no país fundos de doações (endowments), comuns nos Estados Unidos. Nas universidades americanas, os donativos respondem por 17% das receitas. Já as faculdades brasileiras dependem exclusivamente do dinheiro estatal ou de mensalidades para sobreviver. No ano passado, as instituições americanas de ensino superior arrecadaram 28 bilhões de dólares, o equivalente a dezessete vezes o orçamento anual da USP. Uma ferramenta de arrecadação bastante utiliza-

da nos Estados Unidos é o gift-annuity. Funciona assim: a pessoa doa o dinheiro à faculdade como se fizesse uma aplicação financeira, mas com rentabilidade mais atrativa do que a dos fundos de renda fixa. O resgate só pode ser feito a partir dos 60 anos, e o retorno aumenta à medida que o doador envelhece. A vantagem, além da rentabilidade maior, é o abatimento no imposto de renda. No caso de uma doação de 100 000 dólares, uma pessoa de 85 anos receberia 9 500 dólares anuais e teria direito a uma dedução de 18 000 dólares no IR.

Os fundos arrecadados são usados para financiar bolsas de estudo, contratar professores e subsidiar pesquisas. Harvard está no topo da lista, com 27,4 bilhões de dólares na conta. As doações são normalmente feitas por indivíduos, e não apenas por empresas. Em 2008, o investidor americano David Booth doou 300 milhões de dólares à centenária escola de negócios da Universidade de Chicago. Agora, a escola se chama Booth School of Business. Uma história recente envolvendo a tradicional faculdade de direito do Largo São Francisco, da USP, oferece um contraponto ao exemplo de Chicago. Há dois anos, o escritório de advocacia Pinhei-

ro Neto Advogados e a família do banqueiro Pedro Conde, ex-dono do BCN, reformaram e equiparam uma sala e um auditório da faculdade, orçados, respectivamente, em 700 000 e 1,3 milhão de reais. A USP acenou com a possibilidade de os espaços receberem, tão logo a reforma estivesse concluída, o nome dos benfeitores. Pouco depois de serem afixadas, entretanto, as placas foram retiradas. A decisão foi motivada pela pressão de professores e alunos que ainda viram na parceria privada uma ingerência sobre o setor público.

Especialistas apontam outros fatores que levam o Brasil a ocupar as últimas posições entre os países que mais arrecadam doações. "Aqui as relações sociais se restringem ao ambiente privado. O brasileiro prefere fazer caridade aos mais próximos", afirma Arnaldo Motta, coordenador-geral do Instituto Fonte. Mas por que o governo não facilita a vida do brasileiro, dando alívio tributário? Além da obstinação em arrecadar mais e mais, há o temor de abrir brechas para o oportunismo, a famigerada "pilotropia". "Por isso, é preciso profissionalizar a filantropia e encará-la como se fosse uma empresa. Se as pessoas souberem onde está sendo investido o dinheiro, elas se sentirão mais confiantes em doar", disse Rosiane Pecora, do Instituto ProA. Instituir entidades confiáveis e efetivas é o primeiro passo, já em curso, para incentivar o aumento de doações no Brasil. O enriquecimento dos brasileiros também deverá, naturalmente, elevar os recursos destinados à filantropia. Só restará agora o governo ver a benevolência com menos desconfiança.

COM REPORTAGEM DE MARCELO SAKATE

Setores mais atendidos no Brasil

Entre as empresas que mantêm fundações, oito em cada dez possuem trabalhos de educação (porcentual por área de atuação)

Educação	82%
Formação para o trabalho	60%
Cultura e artes	60%
Geração de trabalho e renda	51%
Assistência social	49%

Fonte: pesquisa do Grupo de Institutos Fundações e Empresas (Gife) com 131 empresas brasileiras